

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

SOBRE A CRIAÇÃO E OBJECTIVOS DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

Em sessão ordinária de 23 de Novembro de 1954, o Conselho da Faculdade de Letras aprovou por unanimidade, depois de ouvidos os professores do Grupo de História, que haviam sido previamente consultados, uma proposta apresentada pelo Senhor Director da Faculdade autorizando a criação do Instituto de Arqueologia.

Na exposição, apresentada à Direcção da Faculdade, fundamentando o pedido para que se autorizasse o estabelecimento do Instituto, salientava-se a utilidade de se intensificarem os trabalhos em regime de seminário, as aulas práticas de arqueologia e técnicas arqueológicas; a conveniência de interessar os alunos na realização de trabalhos úteis a eles próprios e à Faculdade como, por exemplo, a organização de ficheiros e cartas arqueológicas e epigráficas, arranjo e enriquecimento do Museu Didáctico de Arqueologia etc.

A sua missão primeira seria, no entanto, fomentar a investigação arqueológica e a preparação de novos investigadores.

Destinado em princípio aos estudantes que preparassem a licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, nele poderiam trabalhar todos os que tivessem real interesse pelos problemas da Arqueologia (mesmo sendo alunos de outras secções da Faculdade), e previa-se que poderia ser útil e fecunda a colaboração com outros Institutos já existentes, como os de Estudos Históricos, Estudos Clássicos, Estudos Geográficos, etc.

Concedida que foi a autorização para que o Instituto iniciasse as suas actividades, logo nesse ano lectivo se começou a trabalhar, embora com grandes dificuldades por não se dispor de qualquer verba inscrita no orçamento, por não ter sido possível à Direcção da Faculdade destacar qualquer funcionário que auxiliasse a organizar o Instituto, e, ainda, por se tratar de uma experiência que, no campo da Arqueologia e dentro da Faculdade, não tinha quaisquer antecedentes.

No entanto, graças às facilidades e apoio moral que a Direcção e os Professores da Faculdade nunca negaram; graças ao entusiasmo, dedicação e sacrificio de vários grupos de alunos; graças à colaboração, generosidade e incitamento de um grupo de arqueólogos e pessoas esclarecidas que, desde a primeira hora, se revelaram como verdadeiros amigos; graças, enfim, a um subsídio que, pelo Fundo Sá Pinto, o Senado concedeu, o Instituto começou a organizar-se, a equipar-se e a trabalhar.

Iniciaram-se relações com organismos similares em Portugal e no Estrangeiro; começaram os estudos preparatórios para a elaboração da carta arqueológica da região de Coimbra; fizeram-se as primeiras aquisições de material de estudo e de trabalho; deram entrada os primeiros livros para a biblioteca especializada que, apesar de todos os esforços feitos, ainda está muito longe de corresponder às necessidades mínimas do ensino e da investigação.

No ano lectivo de 1955-1956, sempre com a voluntária colaboração de grupos de estudantes, o Instituto prosseguiu as suas actividades.

Elaborou-se um questionário que foi enviado aos srs. Presidentes das Câmaras Municipais, professores primários e párocos das freguesias do distrito de Coimbra, com o fim de se colherem informações a aproveitar na organização da carta arqueológica. Essa iniciativa mereceu a concordância da 2.^a Subsecção da 6.^a Secção da Junta Nacional da Educação, e o apoio de Sua Ex.^a o Senhor Subsecretário de Estado da Educação Nacional e de Sua Ex.^a Reverendíssima o Senhor Arcebispo Bispo Conde, que recomendaram aos professores primários e párocos a colaboração com o Instituto de Arqueologia.

Todas as respostas foram arquivadas e coordenadas por concelhos, a fim de se iniciarem as outras fases do trabalho: verificações, prospecções, etc. Adquiriram-se aos Serviços Cartográficos do Exército as folhas das cartas respeitantes ao distrito de Coimbra, com vista à precisa localização de estações e achados arqueológicos, e aos trabalhos a efectuar no terreno.

O Museu Didáctico recebeu novas ofertas; mais publicações deram entrada na biblioteca; e o Instituto continuou a equipar-se, tendo-lhe sido atribuídos quatro ficheiros metálicos, uma máquina de projecção Aldis, e uma máquina fotográfica com os respectivos acessórios.

Um dos estudantes-colaboradores do Instituto, Luís Fernando Delgado Alves, apresentou como dissertação de licenciatura um tra-

balho intitulado *Aspectos da Arqueologia em Myrtilis*, publicado depois no volume XIII do *Arquivo de Beja*.

Durante o ano lectivo de 1956-1957 continuaram os trabalhos de organização dos ficheiros-base para a carta arqueológica, e um outro colaborador do Instituto, Adriano Vasco da Fonseca Rodrigues, apresentou uma dissertação de licenciatura denominada *Prospecções arqueológicas na região de Longroiva*. Uma licencianda em Filologia Clássica, Maria de Lourdes Rodrigues, organizou o ficheiro epigráfico do distrito de Coimbra.

No I Campo Internacional de Trabalho, realizado em Conimbriga por iniciativa da M.P., tomaram parte alguns colaboradores do Instituto e alunos da Faculdade: Maria Adília Moutinho, Mário de Castro Hipólito, José Luís dos Santos Lima, Antonio de Oliveira e Jaime Valente de Matos.

Em Setembro de 1957, por encargo da Junta Nacional da Educação, foi feita uma primeira campanha de escavações na estação romana do Ferragial d'El-Rei, em Alter do Chão. Sob a direcção de J. M. Bairrão Oleiro e Jorge de Alarcão e Silva, e subsidiada pela Fundação da Casa de Bragança, a exploração foi muito prometedora e interessante. Contamos dar do que ali se fez uma pormenorizada notícia no próximo volume de *Conimbriga*. E nessa altura se fará a devida e grata referência à forma como a Fundação da Casa de Bragança e, particularmente, o seu ilustre Presidente e devotado amigo do Instituto, Dr. António Luís Gomes, tornou possível a realização dos trabalhos.

O ano lectivo de 1957-1958 foi assinalado por vários acontecimentos importantes com reflexos na vida do Instituto, e por uma crescente actividade deste.

Um desses acontecimentos foi a publicação do Decreto n.º 41341, de 30 de Outubro de 1957, reformando as Faculdades de Letras.

No que diz respeito ao sector da investigação arqueológica a reforma trouxe apreciáveis benefícios que, com o correr dos tempos, se tornarão bem patentes. Segundo o antigo plano de estudos, a Arqueologia era uma disciplina dada no quarto ano e apenas durante um ano lectivo, precisamente o último que o estudante frequentava antes da licenciatura.

Por um lado o tempo era escasso e, portanto, tornava-se difícil dar uma visão de conjunto de toda a Arqueologia; por outro lado, não

era conveniente fazer um ensino em profundidade sem que o aluno pudesse dispor de quadros gerais que o orientassem. Um outro defeito, e não o menor, consistia no facto de, se o aluno se sentia interessado pela Arqueologia, não haver já o tempo necessário para estimulá-lo e orientá-lo antes de abandonar a Faculdade.

Adoptando um critério de maior especialização, melhorando o ensino em extensão e profundidade, criando a cadeira de Pré-História e cursos de seminário, distribuindo de forma mais racional as disciplinas pelos cinco anos do curso, a nova reforma trouxe consideráveis vantagens ao sector da Arqueologia.

Em primeiro lugar assinala-se o reconhecimento de uma divisão cada vez mais acentuada — pelo que diz respeito aos processos e técnicas de trabalho e investigação, mas não aos fins últimos — entre a Pré-história e a Arqueologia.

Em segundo lugar, esse desdobramento permite maior profundidade no ensino, sem prejudicar a visão global que o aluno pode ter ao fim de dois anos, e a escolha de futuros caminhos de investigação, ao estudante que sentiu despertar o interesse para os estudos arqueológicos, entre a Pré-história e a Arqueologia Clássica.

Por outro lado, se o estudante se sente verdadeiramente atraído para a investigação arqueológica, fica com três anos de Faculdade à sua frente para trabalhar, receber orientação, preparar a sua dissertação de licenciatura, conhecer métodos de pesquisa, etc. E lá estão os cursos de seminário para isso.

Que estas considerações não são gratuitas prova-o o facto de um grupo de alunos, que iniciaram os seus estudos dentro de este novo plano, terem aparecido espontaneamente a colaborar nos trabalhos do Instituto, a procurar orientação para o interesse que neles despertou a ciência arqueológica, a solicitar conselho sobre temas para dissertações. Mais curioso e significativo é o facto de, voluntariamente, terem organizado um Seminário de Arqueologia de que fazem parte não só alunos da Secção de História, mas também de outras Secções e, até, de outras Faculdades. Do real e comum interesse de todos eles não há que duvidar. Não cessou quando passaram os exames — como às vezes acontece! —, nem diminui quando se exigem sacrifícios, quando o trabalho manual é duro, quando a chuva encharca ou o sol queima, quando reservam as suas tardes livres para sessões de estudo, exercícios de classificação de materiais ou pesquisas no terreno.

Outro acontecimento assinalável foi a oferta ao Instituto da colecção arqueológica de Alcácer do Sal pelo Prof. Doutor Francisco Gentil, a que noutro lugar nos referimos mais desenvolvidamente, e a inauguração oficial do Instituto de Arqueologia.

Foi também neste ano lectivo que, sob o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, visitou o Iraque a Missão Arqueológica da Faculdade de Letras.

Com outros Institutos da Faculdade e da Universidade se elaborou o trabalho *Subsídios para o estudo do acampamento romano de Antanhol*, publicado pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Novas dissertações de licenciatura sobre temas arqueológicos foram apresentadas: a de Adília Moutinho de Alarcão sobre *Sigillata Hispânica em Museus do Norte de Portugal*; e a de Dulce Emilia Alves Souto, *Subsídios para uma carta arqueológica do distrito de Aveiro no período da Romanização*.

Durante o ano lectivo de 1958-1959 continuaram os trabalhos de organização (2.^a e 3.^a fases) da carta arqueológica; receberam-se novas ofertas de materiais e publicações; fizeram-se algumas outras aquisições; aumentou-se a colecção de diapositivos; e o Instituto esteve representado no I Congresso Nacional de Arqueologia. Foram apresentadas três dissertações de licenciatura: as de Armando Lopes Alves, *A Mineração Romana no território que hoje é Portugal*; de Maria Margarida Campos Lopes Belo, *Subsídios para o estudo das cerâmicas castrejas no Alto Minho*; e de Mário de Castro Hipólito, *As invasões da Hispânia no século III e os tesouros monetários. Contributo para o estudo do problema em Portugal*.

Um novo grupo de estudantes, estes já ingressados na Faculdade depois da publicação da nova reforma, veio trazer o melhor do seu entusiasmo, esforço e interesse, às tarefas do Instituto. Com essa nova seiva outras raízes se lançaram e o trabalho dos que os antecederam pode ser continuado e ampliado.

Por outro lado, o Conselho da Fundação Calouste Gulbenkian tomou em conta as razões que lhe foram apresentadas e concedeu um subsídio de cento e dois mil escudos, para a realização de determinados fins específicos: auxílio para a publicação da revista *Conimbriga*; aquisição de livros, equipamento para escavações, compra de peças arqueológicas; organização de ficheiros; trabalhos de escavação.

A uma série de realizações espectaculares preferiu-se a aplicação

críteriosa e meditada desse subsídio, de maneira a permitir um progressivo enriquecimento dos meios de acção, investigação e ensino, e dos processos de formação de novos arqueólogos. Nessa mesma ordem de ideias se orientou o pedido feito à Fundação para que permitisse a dois colaboradores do Instituto a frequência de cursos especializados do Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres, o que será uma realidade já no próximo ano.

Está-se ainda muito longe da perfeição, e a tarefa a que o Instituto meteu ombros apenas se pode considerar esboçada. Cinco anos lectivos passaram sobre a data em que o Instituto se criou, e o que se fez talvez não tenha sido muito. Para quem tenha algum dia tido a sorte e a oportunidade de trabalhar nos grandes Institutos de Arqueologia de Itália, Espanha, Inglaterra ou Alemanha, o confronto com o nosso pode ser desanimador. Grandes quadros de pessoal docente e técnico, magníficas bibliotecas especializadas, riquíssimos arquivos fotográficos, tudo ali se encontra ao serviço de estudantes, de estudiosos e de especialistas. E perante esse confronto duas atitudes são possíveis: ou se cruzam os braços e se fica à espera que aconteça um milagre; ou se trabalha para o conquistar e ter direito a ele.

Aqui, partiu-se do nada, sem pessoal, sem livros, quase sem dinheiro, sem instalações. A pouco e pouco, mais lentamente do que todos desejariam, foram aparecendo os primeiros livros, os primeiros subsídios, a instalação, as colecções. Os que lá trabalharam em 1955, se agora voltarem, já acharão tudo um pouco melhor, e se as grandes dedicações, dos da Casa e dos de fora dela, que, felizmente, nunca faltaram, continuarem a manifestar-se, há de realizar-se um dia o que tem sido o sonho de todos aqueles que, desde 1954, ajudaram a erguer o Instituto de Arqueologia.

Precisamos ainda de muita coisa e de muitas boas vontades, mas não se perde a esperança de ir encontrando sempre quem esteja disposto a manter e transmitir o fogo sagrado.

A todos aqueles que nestes cinco anos trabalharam no Instituto, que talvez recordem os momentos que ali passaram (embora a vida os tenha levado a outros rumos, pois que a Arqueologia não compensa materialmente), a todos esses que nunca esquecemos, certamente agradecerá saber que o seu esforço não foi inútil ou que os seus continuadores foram elogiados por Christopher Hawkes, pela forma como realizaram os trabalhos de que os incumbiu.

E assim, a pouco e pouco, o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras procurará realizar os seus grandes objectivos: despertar vocações, preparar investigadores; contribuir, por todos os meios ao seu alcance, para o progresso da ciência arqueológica em Portugal; numa palavra, *fazer Escola*. Essa será a melhor maneira de bem servir a Universidade e o País.

MISSÃO ARQUEOLÓGICA AO IRAQUE

Com o alto patrocínio e indispensável concurso da Fundação Calouste Gulbenkian, visitou o Iraque em 1958 uma Missão Arqueológica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Como ela teria que ser, forçosamente, de estudo e exploração de possibilidades futuras, os seus principais objectivos eram o exame de um certo número de estações arqueológicas mais representativas; a observação dos materiais recolhidos nos museus; o estudo da organização de determinados serviços; e o estabelecimento de contactos pessoais com as individualidades que superintendiam na Direcção de Antiguidades.

Nesta ordem de ideias convinha que nela se integrassem representantes de alguns sectores da investigação cujas observações e experiências pessoais pudessem servir melhor o fim que se tinha em vista, e permitissem um conhecimento tanto quanto possível completo dos quadros em que poderiam vir a decorrer futuros trabalhos, se alguma oportunidade nesse sentido se oferecesse.

O Conselho da Faculdade designou para fazerem parte da Missão o professor catedrático da Secção de História, Doutor Manuel Lopes de Almeida, que a chefiou; o primeiro assistente Doutor Alfredo Fernandes Martins, representante da Secção de Geografia; e o segundo assistente da Secção de História, licenciado J. M. Bairrão Oleiro, representante do Instituto de Arqueologia.

Assentou-se então num plano provisório de visitas a efectuar (que, logo após a chegada a Bagdade, seria submetido à apreciação da Direcção de Antiguidades) e propôs-se que a Missão visitasse o Iraque durante as férias da Páscoa, época que se sabia propícia a trabalhos de campo que, pelas condições* climáticas, só podem efectuar-se em períodos bem